

**Conhecer e despertar a curiosidade:**

**formação da família**

Pálite Terezinha Buratto Remes<sup>1</sup>

No segundo semestre de 2004, a Secretaria de Educação do Município de Araucária, em parceria com a Universidade Federal do Paraná, formou um grupo de estudos – orientados pela professora Maria Auxiladora Schmidt – para desenvolver pesquisas sobre “O uso metodológico do documento histórico na sala de aula”.

“Com a escola positivista, o documento triunfa. O seu triunfo, como bem exprimiu Fustel de Coulanges coincide com o do texto. A partir de então, todo o historiador que trate de historiografia ou do mister de historiador recordará que é indispensável o recurso do documento.”<sup>2</sup>

A proposta do grupo é estudar os documentos por meio de pesquisas que possam provocar transformações conceituais e consensuais, criando uma nova visão para assimilar a História. Porém, as mudanças deverão fluir naturalmente no decorrer do processo de análise empírica da aprendizagem.

Construir uma nova prática no que diz respeito ao ato de aprender passa a ser fundamental neste momento de reorganização da atividade escolar. Assim como o entendimento de que o processo de conhecimento compreende as atividades cognoscitiva e prática. Orientadas para um objetivo, que ambos formam uma unidade na atividade racional, e é essa atividade que faz acontecer o desenvolvimento humano.<sup>3</sup>

A necessidade de romper com a prática pedagógica centralizada na transmissão de conteúdos é que propiciou a oportunidade, e também a curiosidade, de se colocar em prática a teoria quanto às pesquisas documentais, tendo como objetivo a valorização e a efetiva construção do conhecimento.

Na construção do conhecimento científico é imprescindível levar-se em conta o estágio cognitivo em que se encontra a criança e seu contexto social. Partir dos conhecimentos prévios ou das representações de mundo da criança, permitir o desenvolvimento do pensamento lógico. (...) É sobretudo importante estimular-se, na criança, o desenvolvimento do raciocínio ao invés da memorização, do domínio de termos e da conceitualização. (...) É somente através da interação sujeito-meio (natural, social, cultural) que o educando

compreende as relações existentes, assume uma postura consciente e torna-se um sujeito ativo, capaz de exercer plenamente sua cidadania.<sup>4</sup>

A valorização dos conhecimentos prévios dos alunos se constituiu em base para desenvolver o trabalho de pesquisa com a 6.<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Maria Aparecida Saliba Torres, de Araucária, Estado do Paraná.

No primeiro momento, para se ter um levantamento sobre a bagagem de conhecimento dos alunos sobre o tema “Formação da Família”, foram lançadas as seguintes questões:

1. O que é família para você?
2. Como é formada a sua família?
3. Qual a lei que legaliza a formação da família?
4. O que você sabe sobre casamento?
5. Qual sua opinião sobre casamento?

As respostas dos alunos corresponderam às expectativas em quase todas as questões, salvo à terceira que, devido a uma grande variedade de respostas, indicou que eles desconhecem a lei vigente:

- Do divórcio e da pensão. [resposta do aluno Maicom, pois seus pais são divorciados]
- Viver juntos até que a morte os separe, ajudar um ao outro na tristeza e na doença. [aluno Walmir]
- Não trair, não matar, respeitar e ser fiel. [aluno Diego]
- Não abandonar seus filhos, e dar a eles muito amor. [aluno Leonardo]
- Não pode bater na mulher, e não pode desprezar o marido. [aluno Rodrigo]

Somente três alunos se aproximaram da resposta correta: um respondeu que devia assinar um documento, mas não citou qual, e dois, responderam que era o casamento.

Diante de tais respostas, ficou definido que o próximo passo seria apresentá-lhes um documento oficial, a Certidão de Casamento. Para tanto, três delas foram levadas à sala de aula e analisadas pelos alunos. A primeira, referia-se ao casamento religioso de Afonso Buratto com Maria Silva, celebrado na Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, localizada na cidade de Tubarão, Estado de Santa Catarina, pelo pároco

Geraldo H. Spettmamm. Era um documento redigido à mão, como a maioria daquela época.

A segunda certidão relatava o casamento civil de Orlando Buratto (filho do Afonso Buratto e de Maria Buratto) com Maria Mazon (que passou a se chamar Maria Mazon Buratto), o qual foi celebrado em cartório de Registro Civil, no município de Bom Retiro, Santa Catarina, em 11 de setembro de 1958, com regime universal de comunhão de bens, celebrado pelo juiz do registro civil Frontino Vieira de Souza, na presença de duas testemunhas.

A terceira certidão indicava a união de Adão Remes com Pálite Terezinha Buratto (que passou a se chamar Pálite Terezinha Buratto Remes), na cidade de Ivaiporã, Estado do Paraná, no Cartório de Registro Civil, realizada pelo Juiz de paz, Sr. Mauro Brito, no dia 08 de fevereiro de 1991.

Analisadas as três certidões, surgiram observações e perguntas por parte dos alunos: na primeira certidão, fornecida pela igreja, a mulher (Maria Silva) não tinha seu nome alterado no documento após o casamento, já nas outras duas certidões (casamento no civil), as mulheres tinham adotado o sobrenome do marido. Esse fato foi observado pela maioria dos alunos, os quais quiseram saber por que isso ocorreu e se hoje ainda é assim.

O aluno Toni percebeu que no registro civil de 1958, o casamento foi feito com regime universal de bens e, no registro de 1991, o regime foi de comunhão parcial, perguntou por que e se existia alguma outra forma de regime. Já o aluno Maicom Gama foi o único que observou que nas duas últimas certidões houve alteração do nome oficial do país, o qual passou de República dos Estados Unidos do Brasil para República Federativa do Brasil. Para sanar a curiosidade quanto a essas mudanças de nomenclatura, foi sugerido aos alunos que desenvolvessem uma pesquisa.

Para provar a legalidade da certidão de casamento foi mostrado aos alunos o Código Civil Brasileiro atualizado, o qual pôde ser por eles manuseado. Dois dados curiosos e que despertaram a atenção da turma foram os seguintes: antigamente,

podia-se anular o casamento se fosse constatado que a noiva não era virgem (artigo 219, parágrafo IV – O defloramento da mulher, ignorado pelo marido) e hoje isso mudou; e o outro dado é que o homem pode adotar o sobrenome da esposa ou a esposa pode adotar o sobrenome do marido, ou ambos podem permanecer com o seu nome de solteiro após o casamento.

Para a aula seguinte, foi solicitado que cada aluno perguntasse aos seus pais se eram casados e, em caso afirmativo, conferisse qual era o regime adotado em seu casamento: total de bens, parcial de bens ou separação de bens.

Dos dados levantados e apresentados por 32 alunos, concluiu-se que:

- 22 alunos tinham pais casados e com regime de comunhão parcial de bens;
- 5 alunos tinham pais separados, mas que haviam se casado com regime de comunhão de bens;
- 04 alunos não sabiam sobre seus pais, pois sempre viveram só com seus avós, e estes, eram casados e com regime de comunhão total de bens;
- 01 aluno tinha mãe solteira, então trouxe a informação da vizinha, casada e com regime de comunhão parcial de bens.

No decorrer da aula, foi sugerido que cada aluno elaborasse perguntas sobre o assunto “casamento”. Estes são alguns exemplos do que foi apresentado por eles:

- Por que unir um homem e uma mulher é bem mais complicado do que parece a primeira vista? Como era o casamento antigamente? [aluna Érica]
- Como é o casamento de outros povos e em outras religiões? [aluno Maicom]
- Por que no casamento sempre há brigas por causa de ciúmes e muitas vezes isso termina em divórcio? [aluno Mhaylon]
- Se um homem e uma mulher se casarem e depois separarem, como ficam os seus bens? [aluna Jéssica]
- O que falta no casamento? Como ficaria o sobrenome em caso de separação? [aluna Jéssica]
- Por que o casamento de homossexuais ainda não foi legalizado? [aluno Luiz Gustavo]
- Quais os primeiros indícios que fazem o indivíduo perceber que tem tendência homossexual? Quais as maiores dificuldades encontradas pelos homossexuais? [aluno Fábio]
- Por que há tanto preconceito quanto aos homossexuais? [aluno Geovani]

Após a análise das perguntas, foram providenciados textos sobre os vários assuntos abordados:

“Namoro, um investimento afetivo” relatou a importância do namoro para os indivíduos aprenderem a se conhecer, a se relacionar e a necessidade de buscar a relação aos pares, que simultaneamente modificam a identidade e a relação familiar para formação de uma nova família.

“Cerimônias de casamento” mostrou uniões em várias culturas, nas quais ela assume características diferentes, muitas vezes envolvendo inúmeros acordos entre as famílias dos noivos. Por trás da visão romântica que ganhou no Oriente e Ocidente, garante a sobrevivência de castas e costumes, e a legitimidade de herdeiros. Mas a tradição não sobrevive sem o rito, e as cerimônias procuram invocar proteção dos deuses, a aprovação dos antepassados e a participação da sociedade para a nova vida que o casal inicia.

“E ainda faz bem à saúde” trouxe dados de pesquisa, de várias universidades dos Estados Unidos da América, que tentam relacionar casamento com a saúde, mostrando que os homens casados, com relacionamento harmonioso, tendem a viver mais, com menos probabilidade de contraírem certas doenças como o *stress* ou males provocados pela solidão. Alguns cientistas afirmam que há também o lado negativo do casamento, pois a união causaria comodidade aos cônjuges, que acabam engordando por falta de atividades físicas e aumentam – nas esposas que ficam caladas quando provocadas pelos parceiros – em quatro vezes mais o risco de morrer de doenças cardíacas em relação às que enfrentam as discussões.

“Ciúme, como lidar com esse veneno” e “Até que o casamento os separe” relatam as dificuldades encontradas na relação marido e esposa, e as causas que levam à separação. Cita dados estatísticos de divórcios no Brasil, as diferenças psicológicas entre o homem e a mulher, e os sinais que os casais emitem dando dicas de crise na relação.

“Pai, eu sou gay” trouxe informações de como uma pessoa se sente ao perceber que é um homossexual. A dificuldade em relação a sua própria aceitação, o medo de contar à família, aos amigos, à sociedade, a necessidade de ser aceito por todos, a

busca de uma relação afetiva e a luta para legalizar a união com alguém do mesmo sexo.

Após a leitura e compreensão de cada texto, os alunos fizeram um pequeno resumo do seu conteúdo no caderno e, para fazer o fechamento da pesquisa, foi realizado um debate sobre os assuntos abordados e sobre as perguntas feitas no início da atividade.

Fazendo uma análise do trabalho realizado, concluiu-se que os resultados satisfizeram as expectativas, pois tornaram possível a atuação dos alunos como agentes de sua própria história e abriram um leque de possibilidades de tratamento do assunto, o qual teve como ponto crítico, a dificuldade de se organizar as informações, sem perder de vista o tema inicialmente proposto.

Notas:

---

<sup>1</sup> Professora de história da Rede Municipal e Estadual de Educação do Município de Araucária.

<sup>2</sup> LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

<sup>3</sup> SAVIANI, D. Comentários sobre diretrizes curriculares. PUC-SP,2:20-21, set. 1998.

<sup>4</sup> KINDEL, E. A. **Reflexões sobre o ensino de ciências**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 47-50.